



Uma leitura do conto 'o caso da vara', de Machado de Assis

Iluskhanney Gomes de Medeiros Nóbrega

Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e aluna do Curso de Especialização em Assessoria de Comunicação, ministrado pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: yluska.gmn@gmail.com

José Rivamar de Andrade

Professor, graduado em Letras e especialista em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos, aluno do curso de Mestrado Internacional em Educação, pela Florida Christian University (USA)

RESUMO: O conto 'O caso da vara', de Machado de Assis, é uma narrativa que está inserida no contexto histórico e social do realismo, época em que os artistas, moldavam o comportamento humano, revelando através dos personagens o que o homem realmente representava na sociedade. Diante do olhar irônico e cético de Machado de Assis, é possível observar o comportamento humano e fatos históricos que o autor compartilhava com a sociedade do século XIX. O autor revela em sua obra as condições mais obscuras da alma humana. No conto analisado, é possível observar no personagem Damião, a condição de interesse pessoal, que é relevante aos dias atuais, o homem contemporâneo é extremamente egoísta, fatos que se relaciona com a ambição e a omissão de Damião, ao perceber que poderia perder o apoio de Sinhá Rita, por resolver abrir mão da sua palavra e o desejo de apadrinhar Lucrecia é substituído pelo desejo de se livrar do seminário. A leitura e análise do conto citado têm como objetivo mostrar as características dos contos de Machado de Assis através do contexto sócio-histórico, para subsidiar o leitor a observar as linhas sociais seguidas pelo autor ao retratar o caso da escravidão, em que a ironia é extremamente relevante para observar as questões narradas por ele, que questiona a postura servil de Lucrecia, diante da escravidão de Damião que logo encontra uma forma de conseguir sua liberdade, sair do seminário.

Palavras-chave: Machado de Assis. Conto. Literatura. Personagem.

A tale of reading 'the case of stick', of Machado de Assis

Abstract: The tale 'The stick case', Machado de Assis, is a narrative that is part of the historical and social context of realism, a time when artists, shaped human behavior, revealing through the characters that man really represented in society. Given the ironic and skeptical look Machado de Assis, you can observe human behavior and historical facts that the author shared with the society of the nineteenth century. The author reveals in his work the darkest conditions of the human soul. Over this tale, you can see the character Damian, the condition of personal interest, which is relevant to the present day, modern man is extremely selfish, facts that relates to the ambition and the omission of Damian, to realize that it could lose support Rita Sinha, unresolved give up his word and the desire to patronize Lucrecia is replaced by the desire to get rid of the seminar. Reading and analysis of that tale aim to show the characteristics of Machado de Assis tales through the socio-historical context, to subsidize the reader to observe the social lines followed by the author to portray the case of slavery, in which irony is extremely important to observe the issues narrated by him, questioning the servile attitude of Lucrecia, before the slavery of Damian who soon finds a way to get their freedom, leaving the seminary.

Keywords: Machado de Assis. Tale. Literature. Character.

1 Introdução

Todo trabalho acadêmico implica escolhas que vão desde o tema a ser estudado até o aporte teórico utilizado para subsidiar a pesquisa. É notável a quantidade de trabalhos realizados, tendo como objeto de estudo as obras de Machado de Assis, entretanto, defende-se a postura que nenhum tema pode ser esgotado, principalmente em se tratando da obra de um escritor bastante representativo na literatura brasileira, como é o caso do autor de "O caso da vara".

Portanto considerando a importância de Machado de Assis e a forma como este representa vários aspectos da alma humana em suas obras, o intuito deste trabalho é mostrar as relevâncias da obra do autor com os dias de hoje, principalmente a importância como ele observava a condição do homem urbano, fechado a certos conflitos sociais, tendo que se ajustar às condições da sociedade.

No conto citado, Machado de Assis critica de forma irônica tanto o comportamento humano, fundamentado no interesse pessoal, quanto mostra, com bastante propriedade, as relações de dominação de raça

branca sobre a negra, revelando com isso um painel das relações humanas e da representação social do negro no século XIX.

Os aspectos sociais tratados nas obras machadianas, principalmente em suas obras consideradas maduras, confirmam uma das funções da literatura, que consiste na representação da realidade, e em se tratando da literatura realista, essa representação é efetivada sem retoques, de forma objetiva, conforme os preceitos da escola realista. Como fundamento para essa afirmativa, têm-se *A relíquia* de Eça de Queiroz que, segundo Infante (2001, p.299), “combinam-se a liberdade imaginativa e a crítica social mordaz. Sugestivamente, a epígrafe do livro é ‘Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia’¹”.

O primeiro capítulo apresenta uma abordagem do gênero conto, mostrando suas características desde os conceitos até a sua forma mais usual, desde o surgimento do conto popular que era apresentado oralmente em rodas de conversação, ou seja, na oralidade, até o surgimento da escrita, tomando uma forma estrutural e contemporânea, mantendo, ao mesmo tempo, as características da oralidade.

O segundo capítulo realça e discute sobre a relação do conto escolhido com outros contos do autor, que trata de aspectos pertinentes ao contexto histórico-social da época. Esse é o percurso apresentado na organização das idéias desse capítulo, pois se trata de um procedimento analítico que se inicia com a leitura do conto em apreço e percorre todo o conteúdo que se insere no contexto histórico já mencionado.

O terceiro capítulo vem repassar as idéias firmadas diante da visão de Machado de Assis, mediante uma leitura mais apurada do conto “O caso da vara”, apresentando perspectivas e tons, objetivando focar as características dos personagens Lucrecia e Damião.

2 Revisão de Literatura

2.1 O conto e o conto machadiano: Uma abordagem

O conto é um relato breve, de curta duração, envolvendo poucas personagens, originando-se da oralidade. O conto popular tem relevância em ser estudado, pois é nele que se inspiram todos os outros tipos de contos. Quando não existia registro escrito, os contos eram passados de geração em geração através da oralidade. Com o surgimento da escrita, os contos passaram a ser registrados mantendo a forma, ou seja, a característica oral, a qual é preservada por muitos contos da literatura brasileira. Segundo Cascudo (2001, p.11): “É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais”.

Essas características do conto oral mantêm-se mesmo depois de compilados. Entretanto, mesmo não atendendo a esses quatro itens elencados por Cascudo, muitos contos eruditos utilizam-se da literatura oral em suas narrativas. Entende-se por conto erudito, segundo D'onofrio (2004, p.121) “a narração produzida por um autor historicamente conhecido, e apresenta evidentes características de seu criador”. Pode se referir a um acontecimento da vida real, não verdadeiramente real

porque é ficcional, ou seja, o fato narrado não aconteceu no mundo físico, mas poderia ter acontecido.

O conto literário surgiu no Brasil por volta do século XIX. Antes deste período os contos eram de natureza oral. O conto oral é uma forma simples que não tem autor definido, ou seja, é a criação de uma coletividade (JOLLES, 1976).

A forma simples faz parte do folclore verbal, é um relato em prosa de acontecimentos irrealis, com a finalidade de divertir as pessoas. Além disso, possui uma estrutura definida: um herói, que abandona seu reino, passa por várias provações e acaba tendo um final feliz. Indício da oralidade é muito forte, evidenciado pela fala das personagens. O conto popular, geralmente, apela para os vícios fantásticos. O ensinamento sempre aparecerá no final da narrativa, quando este existir.

Para Simonsen (1987, p.06), “o conto é, pois, um relato em prosa de acontecimentos fictícios e dados como tais, feito com a finalidade de divertimento”. Já o conto literário, ou forma artística, tem um autor definido e carrega consigo as marcas deste mesmo autor.

Falando especificamente de Machado de Assis, sabe-se que ele foi um marco no conto brasileiro. Brayner (1981, p.08), em uma introdução de antologia de contos machadianos afirma que:

O conto tornou-se em suas mãos (de Machado) matéria dúctil com fisionomia reconhecível, no qual o ‘bruxo do Cosmo Velho’² (Drummond dixit) exercia a magia encantatória de suas variações sobre o tema predileto: a humanidade com seus vícios intemporais.

O realismo consagra definitivamente o conto como uma narrativa curta, e Machado de Assis como ressalta Aguiar (2003, p.230) “retrata em seus contos a sociedade de sua época com todas as suas mazelas, crítica de forma irônica o comportamento humano”. Em confirmação à afirmação anterior, Chalhub (2002, p.79) diz que Machado de Assis “reflete em suas obras fortes características da época em que predominava um sistema político marcado pelo autoritarismo de uma raça que se considerava superior, e que cuja sociedade reproduzia e legitimava as relações sociais”.

2.2 Considerações sobre o gênero conto

O conto se origina num tempo em que nem sequer existia a escrita: as histórias eram narradas oralmente ao redor das fogueiras das habitações dos povos primitivos, geralmente à noite. Por isso o suspense, o fantástico, o caracterizou originalmente. Num romance, pode o escritor ser mais descuidado e deixar escórias e superfluidades, que seriam descartáveis. Mas num conto, quase todas as palavras devem estar em seus lugares exatos (MAGALHÃES JUNIOR, 2001 *apud* GOTLIB, 1990).

O conto não tem meio termo, ou é bom ou é ruim, as limitações do conto estão associadas ao fato de ser um gênero curto, que as pessoas ligam a uma idéia de facilidade. A história curta é mais difícil e a mais disciplinada forma de escrever prosa, cujos elementos indispensáveis são economia e um começo, meio e fim claramente determinados.

¹ Epígrafe da obra *A Relíquia* do escritor português Eça de Queiroz, e que foi adotada como lema da escola realista.

² Bruxo de Cosme Velho é uma expressão que se refere ao tipo de vida reclusa que o escritor levava com a esposa no bairro do Cosme velho, no Rio de Janeiro.

De um modo geral, a primeira idéia que nos ocorre em conto é de que se trata de uma narrativa curta, onde a história se desenvolve linearmente, com principio meio e fim, abolindo-se dos pormenores secundários. A ação tem que ser incisiva e direta, numa linguagem essencialmente narrativa.

Conforme Cortazar, Poe *apud* Gotlib (1990, p. 122):

Compreendeu que a eficácia de um conto depende de sua intensidade como acontecimento puro, isto é, que todo comentário ao acontecimento em si (...) deve ser radicalmente suprimido. Cada palavra deve confluir para o acontecimento, para a coisa que ocorre e esta coisa que ocorre deve ser só acontecimento e não alegoria.

Observa-se através dessas características sobre o conto, segundo afirmação do autor citado, que os pormenores nesse gênero não são importantes, e o clímax é causado de acordo com o desenrolar do único fato narrado no conto; que é cheio de tensão e mostra o efeito de surpresa no final, ou seja, o acento final é esperado pelo leitor, que avança a leitura estimulado pela forte tensão causada pelo efeito dos acontecimentos.

O conto na sua estrutura tradicional (diferentemente do conto “O caso da Vara”, de Machado de Assis) constitui uma unidade dramática, ou seja, contém um só conflito, um só drama, uma só ação. O contista não nos dá uma visão da vida na sua totalidade, mas procura nela um momento representativo. Por esta razão jamais se prolonga, prendendo-se ao episódio em foco, diferentemente do romance, que muitas vezes o autor se estende na análise detalhada dos fatos. Pode-se imaginar várias fases no conto, ou seja, a linha evolutiva do gênero, logicamente a primeira fase é a oral, a qual não é possível precisar o seu início.

O conto é a forma narrativa em prosa, de menor extensão, no sentido estrito de tamanho, ainda que contenha os mesmos componentes do romance. Entre as suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total, o conto precisa causar um efeito singular no leitor, muita excitação e emotividade.

O conto tem duas fases escritas. A primeira provavelmente é aquela em que os egípcios registram *O Livro do Mágico*, cerca de 4000 a.C. Daí passa-se pela Bíblia com a história de Caim e Abel, 200 a.C, esta tem a mesma estrutura de um conto. O antigo e o novo testamento trazem muitas outras histórias com a estrutura do conto, como o episódio de José e seus irmãos.

No século VI a.C. têm-se a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero e na literatura Hindu temos o Pantchatantra, séc. II a.C. Outro nome importante é o de Caio Petronônio séc. I, autor de *Satiricon*, livro que até hoje está sendo reeditado. *As mil e uma noites* aparecem na Pérsia no séc. X da era cristã.

A segunda fase escrita do conto começa por volta do séc. XIV, quando registram-se as primeiras preocupações estéticas. Giovanni Boccaccio, aparece com seu *Decameron*, que se tornou um clássico e lançou as bases do conto tal como o conhecemos até hoje (GOTLIB, 1990, p.06).

No Brasil o conto se popularizou no séc. XIX graças a imprensa escrita, por isso é importante observar que naquela época quase todos os contistas eram

jornalistas, inclusive Machado de Assis, que retratou de forma realista os costumes urbanos e observou os pormenores sociais da burguesia ou classe média relacionando esta a classe inferior.

2.3 O contista Machado de Assis

O período realista no Brasil tem início em 1870 e vai até 1922, é uma narrativa de estilo seco, que imita a vida cotidiana e que se verte para episódios pseudorreais ou verossímeis (D'ONOFRIO, 2000).

Segundo este teórico (2000, p.389), afirma que é “comum a quase todos os escritores brasileiros desta época é o intuito de descrever, por um método objetivo, quase científico, a luta inglória do indivíduo contra as forças da natureza, do instinto e do meio ambiente degradante”.

Falando especificamente de Machado de Assis, sabe-se que ele foi um marco no conto brasileiro. Ele começou sua carreira de escritor com romances, ainda muito jovem, mas amadureceu, e com ele amadureceram as idéias.

Machado de Assis começou a publicar em forma de contos e crônicas o comportamento da sociedade da sua época, especificamente a sociedade fluminense. Observando o dia-a-dia da sociedade, Machado de Assis destaca o progresso e coloca em cena a questão do comportamento humano na sua pluralidade, buscando a universalidade.

É oportuno citar Teixeira (1988, p. 58):

A revolução machadiana desloca, radicalmente, o interesse do cenário e da ação para o íntimo das personagens (...) Machado de Assis em seus romances e contos maduros investigou insistentemente o universo interior. Para isso, adotou uma técnica fragmentária de ação, que dispensa o enredo convencional e privilegia a análise das atitudes e situações.

É importante lembrar que Machado de Assis não via apenas o comportamento humano, mas os detalhes, ou seja, ele via a humanidade na sua forma mais degradante. Teixeira (1988, p.57) diz que “ele reinventa aquilo que observa nas pessoas, procurando explorar em profundidade, os componentes essenciais da ética, da moral e da psicologia”.

Escrevendo sobre a vida fluminense, as óperas, as corridas, patinação, e muitas outras coisas, ele surpreende com seu estilo sutilmente irônico, que é a marca registrada em suas obras, (...) um uso intensivo da imaginação, pois além de criar as personagens e suas histórias, o autor inventa uma condição específica para cada texto (TEIXEIRA, 1988, p.60). Observa-se que Machado de Assis percorre em suas obras as mais variadas direções de sentimentos e comportamentos humanos, destacando-se por tratar fatos relevantes da sua época com ironia, e ao mesmo tempo conduzindo-os para os dias atuais (BOSI, 2002). Com isso, em cada personagem com sua função, ele consegue surpreender o leitor no início do conto, e conduzir a narrativa para um desfecho que é sempre surpreendente.

Ele conseguia reflexões profundas de fatos corriqueiros, tocando a essência daquilo que observava com meio riso de contemplação. E, quase sempre, esse

riso trazia implícita ou explicitamente, advertência (MAYA, 1981).

Em Machado de Assis, o fato em si tinha menor importância, o que interessava mesmo era a reflexão que esse fato provocava.

Em busca das ações rotineiras do homem, o autor penetra na consciência das personagens para sondar-lhes o funcionamento, MA³ mostra a vaidade, a futilidade, a hipocrisia, a ambição, a inveja, a inclinação ao adultério. Capturando sempre os impulsos contraditórios existentes em qualquer ser humano, assim torna-se difícil classificar as personagens de MA em boas ou más.

Escolhendo personagens entre a burguesia que vive de acordo com o convencionalismo da época, MA desmascara o jogo das relações sociais, enfatizando o contraste entre essência e aparência, o sucesso financeiro e social (BOSI, 2006).

Em suas obras maduras, que são consideradas obras maduras de uso, ou seja, as obras do período realista, MA perde o interesse pela paisagem, que é uma característica do romantismo, e investiga o universo interior do homem, usando apenas fragmento da ação; o convencional enredo da narrativa longa é substituído pela análise da ação e situação; MA coloca em cena o comportamento humano na pluralidade, buscando a universalidade, ou seja, mostrando o universo que cada conjunto ocupa em seu espaço social (TEIXEIRA, 1988).

2.4 Procedimento de leitura do conto

O “Caso da vara” foi analisado a partir da leitura e observação de alguns contos de MA, que tinham como tema predileto o comportamento humano. O interesse pelo autor surgiu exatamente a partir da observação quanto ao jeito irônico e cético que o mesmo tinha em relação a determinados comportamentos de sua época, ele tinha a capacidade de revelar a relação entre o homem e o mundo, procurando atingir espaço e plenitude através de uma forma específica de linguagem.

De acordo com Bosi (1999, p. 11-12): “O objeto principal de MA é o comportamento humano. Este horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obra e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império”.

É no cenário da universalidade que MA alcança a comunicação perfeita, com veracidade e uma perfeita comunhão com a alma humana e chama a atenção nos procedimentos estéticos e argumentativos do autor, gerando curiosidade do leitor, e foi isso que levou o interesse de observar o conto “O caso da Vara”, que confere um período de transição histórica do século XIX, observando desde as classes proletárias até a burguesa. O autor do referido conto confronta o comportamento das classes, observando o papel que cada pessoa desempenha na sociedade.

Ao observar como o autor coloca os personagens de vida real em seus contos houve a necessidade de analisar um conto de forte procedência sociológica. A escravidão estava no auge de sua transição no ano de 1850, tornando-se evidente o caráter irônico e crítico na maneira como MA observava o tratamento do negro daquela época.

Observa-se através da leitura do conto que Damião

de uma certa forma era vítima da opressão, mas conseguiu encontrar um jeito de se livrar do castigo, quanto a Lucrecia, negra e escrava de Sinhá Rita, também vítima da opressão, só que de forma mais forte por causa da condição de escrava, Lucrecia não encontra quem a defenda em momento algum, o autor mostra de forma explícita que Damião, mesmo se compadecendo da negrinha não hesitou em legitimar a opressão de que era vítima.

Damião sentiu-se compadecido da negrinha no primeiro momento em que a Sinhá lhe pede a vara, mas como a insistência da sinhá era muito grande, ele acaba por lhe entregar a vara: “(...) chegou a marquesa, pegou a vara e entregou a Sinhá Rita” (in: PROENÇA FILHO, 2004, p.247).

2.5 A relação do conto escolhido com outros contos do livro

Nas obras machadianas são destacados o relativismo e a ambigüidade de comportamentos, convocando o leitor a refletir com ele sobre os acontecimentos existentes na narrativa.

O conto “O Caso da Vara” é da coletânea de páginas recolhidas de 1899, e nesta coletânea encontram-se outros contos de aspectos sociais. A arte de Machado de Assis revela muito da verdade da complicada condição humana.

Nessa seleção de Domício Proença, há vários contos que tratam de fatos semelhantes, ou seja, divulgam temas variados em condições parecidas. No conto “O Caso da Vara” o autor critica a escravidão e ironiza as cruéis relações de dominação entre seres iguais, como Lucrecia, uma pobre criança que é marcada pela violência que era cometida contra seres de sua raça e é vítima da opressão de Sinhá Rita. A descrição da cicatriz na testa e a queimadura na mão esquerda denunciavam essa violência claramente sem contar as ameaças que recebia sempre da sinhá, caso não obedecesse a sua senhora. No conto *Pai contra Mãe*, a opressão é lançada de duas formas, uma contra Cândido, que vive do pouco dinheiro que ganha capturando escravos, ou seja, não tinha trabalho fixo, mas precisava ganhar alguma coisa para sustentar a esposa e o filho que acabara de nascer.

O meio de sobrevivência de Cândido começa a não ser tão bom assim, e as dificuldades fazem com que ele e sua jovem esposa decidam colocar o filho na roda dos enjeitados, mas o jovem pai, já a caminho do lugar onde iria deixar o filho, continua a procurar uma saída para aquela situação. Há dias andara procurando uma escrava fujona, que seu dono oferecia uma boa recompensa pela sua captura, e é no caminho que Cândido encontra essa bendita escrava, o dinheiro desse serviço salvaria Cândido da dor de se desfazer do seu filho.

Cândido Neves ao constatar que a mulher que ele acabara de ver nas ruas por onde passava era a mesma, que leu o anúncio há poucos dias, não hesitou em persegui-la e capturá-la, colocou uma corda em seus pulsos conduzindo-a à casa de um senhor muito violento, que a castigaria.

Conforme Assis, (in: PROENÇA FILHO, 2004, p. 257):

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja compreendia o que era e

³ A partir de agora, usar-se-á a sigla MA para designar o autor Machado de Assis.

naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites.

Cândido Neves nem dera ouvidos às súplicas da pobre mãe, que roga pelo filho, e pelo fato de ser escrava suas súplicas não são levadas em consideração, a sua liberdade e a de seu filho que ainda está no ventre, está nas mãos de Cândido, que só se preocupa em salvar seu filho da roda dos enfeitados, e pelo fato de ele só saber ganhar a vida capturando escravos, afinal era só o que ele sabia fazer, não tem outro jeito de salvar o filho a não ser sacrificando o filho da escrava, sim porque depois do castigo, do açoite, a escrava acabou abortando, provando com isso as relações de dominação da raça branca sobre a negra.

Para frisar o preconceito racial nas obras de MA, observa-se, de forma comparativa, que nesses dois contos a forma como o negro era tratado, mostrando que ele não tinha vontades, direitos e nem afeto.

Em uma época de teorias científicas e sociais que pretendem dar conta do real, como é o momento do Realismo na Literatura, a voz dissonante do genial autor ousa abdicar das certezas e instaurar o universo do desconhecido que preside a alma humana. Em *Sereníssima República*, faz uma inquirição a respeito da alma exterior do homem. Através de uma alegoria política sob forma de uma conferência, o escritor discursa a respeito do homem e da sociedade que ele constrói. Quanto ao homem, ser de múltiplas faces, cabe buscar a perfeição, tentar driblar a própria natureza. Para tanto, não importa os outros; importa sim seu interesse pessoal, e com uma eterna malícia ele vai construindo arapucas que desembocam em um espiral crescente.

Proença Filho (2004, p.14) diz que “há em todos esses contos, como em vários outros do autor, relações humanas em âmbito de universalização, caracterizadas à luz de aspectos epocais que nada prejudicam a atualidade das questões apontadas”.

Domício Proença, enumerando vários motivos, considera que a prosa machadiana, no espaço da Literatura brasileira, continua viva e presente (PROENÇA FILHO, 2004).

2.6 O texto como ponto de partida

Um texto só existe a partir do momento que é lido por alguém. Uma teoria elaborada por Hans Robert Jauss, que a partir dos anos 60, quando então foi apresentada pela primeira vez no meio acadêmico alemão, propõe mudar o foco da investigação literária. Conforme Zilberman (2004, p.11-10), “do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor (...), seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da leitura enquanto instituição social”.

A partir dessa teoria o leitor assume seu papel no processo da leitura. Passa a ser figura relevante nos estudos que envolvem a compreensão de texto.

Segundo Pinheiro (2003, p.47): “A experiência com a leitura e interpretação consegue-se a partir da escolha do texto, que pode ser determinada pelo ato da escolha, ou por razões pedagógicas e acadêmicas”.

A interpretação de uma idéia inicia-se em um texto escrito a partir da leitura do mesmo e o conhecimento dos conteúdos abordados pelo texto e as palavras que o

compõem. O intérprete deve ter conhecimento, pois o mesmo precisa saber do que se trata o texto para poder compreender e interpretar.

Defende Bosi (2003, p. 62) que: “Ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas interpretar é eleger (ex. legere. Escolher), na messe das possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no encaixo da questão crucial: o que o texto quer dizer”.

No ato da leitura de um texto, o dono da interpretação é o leitor, ele interpreta as idéias conforme ele entende, desde que respeite o conteúdo, ou seja, a idéia original e real do texto que é construído através de experiência significativa do sujeito (BOSI, 2003). Segundo esse autor (p. 465), “cabe ao intérprete decifrar essa relação de abertura e fechamento, tantas vezes misteriosa, que a palavra escrita entretém com a não escrita”.

É, portanto, função do intérprete ser mediador da idéia exposta no texto, no entanto, cabe-lhe também o papel de observar nas entrelinhas o processo formativo que está implícito no texto.

Nos contos machadianos é freqüente a presença do realismo enganoso, já que é uma característica do autor dizer uma coisa com certa projeção de engano de que se pretende dizer realmente. No conto “O caso da Vara”, o autor deixa clara a idéia de que o homem só não revela os meios que o mesmo toma para conseguir se dar bem.

É oportuno, ainda citar Bosi (2001, p. 466): “(...) Na linguagem de Carlo Diano, o intérprete deveria resgatar para o leitor aquele evento complexo subjetivo e histórico, ao qual o poeta deu uma forma. É por isso que a interpretação literária não pode deixar de ser um projeto cultural”.

A experiência de leitura e interpretação se conquista através de experiências socialmente construídas e para entender as obras machadianas o leitor precisa buscar nas entrelinhas a revelação para certos casos, “(...) Ande, senhor João Carneiro seu afilhado não volta para o seminário; digo-lhe que não volta...” (ASSIS, in: PROENÇA FILHO, 2004, p.244). Nesse fragmento são percebidas as vagas idéias que Damião fazia a respeito da amizade de seu Padrinho e Sinhá Rita.

Para interpretar uma obra literária é preciso que o intérprete conheça um pouco do contexto histórico e da vida do autor. Com esses fatores é bem mais fácil analisar as idéias expressas no texto. Para D’Onofrio (2000, p. 77):

[...] dois fatores têm que despertar o interesse do pesquisador: a estrutura artística do texto e a realidade sociocultural em que ele foi produzido. Daí a existência de dois métodos fundamentais para o estudo da literatura: a abordagem interna, estrutural, sincrônica, pela qual a obra é analisada em seus elementos constitutivos, como objeto de arte, independentemente do autor e da época; e a abordagem extrínseca e diacrônica, pela qual o texto literário é visto em seu contexto cultural, influenciado pela natureza do gênero a que pertence, visto em sua evolução de uma forma para outra, e pelas condições históricas, relacionado com os fatores sociais e com a ideologia da época.

Com isso, percebe-se a grande importância de se buscar o entendimento real de um texto literário sem mudar a sua essência. Para tanto, é necessário que haja o interesse na leitura de determinada obra, para que se possa

fazer uma análise apurada da sua estrutura, com opiniões críticas e, ao mesmo tempo, relevantes ao pensamento do autor. Isso irá ajudar a perceber as características que permeiam o texto, como: caráter dos personagens, situação social, meio ambiente e, principalmente, em obras literárias, o contexto histórico, do qual se trata a seguir.

2.7 A incorporação da experiência histórica no texto

A escravidão pode ser definida como uma relação de trabalho em que a pessoa que trabalha é uma propriedade de seu patrão. Dessa forma, independentemente dos castigos físicos a que uma pessoa escravizada estivesse sujeita, a escravidão é, em sua origem, um ato de violência porque transforma uma pessoa em coisa, ou seja, propriedade, além de tirar a liberdade de alguém que não cometeu crime algum.

Depois de 1850 o tráfico negreiro foi proibido. Deu-se início à gradativa substituição da mão-de-obra escrava; à medida que aumentava o número de imigrantes, apareciam os problemas, já que os fazendeiros tratavam os imigrantes da mesma forma que estavam habituados a tratar seus escravos. Os trezentos anos de escravismo haviam marcado profundamente a mentalidade da elite nacional, que continuava vendo o trabalhador como coisa, como instrumento de produção. Os estrangeiros se insurgiram contra aquela situação e provocaram conflitos na sociedade brasileira.

Machado de Assis, ao escrever o conto “O caso da vara”, retratou o contexto histórico da década de 1850. De acordo com Zilberman (1989), a escolha de um período anterior para situar a ação não correspondia apenas ao objetivo do autor de expor as configurações domésticas e cotidianas de práticas bem representativas do período que ficaram conhecidas como senhorial-escravista. Nesse sentido, é importante ressaltar o ceticismo machadiano a respeito dos resultados da abolição e do avanço que representaria a República.

Dessa forma ao retratar uma configuração social que já não existia, Machado de Assis objetivou mostrar o caráter ceticista de sua personalidade, ou seja, de que, para eliminar determinados tipos de relações e estabelecer outras, não basta apenas ver.

Na década de 1850, época em que o conto “O caso da vara” é narrado, o país enfrenta grandes mudanças. O segundo reinado é marcado por fortes transições raciais, as reações abolicionistas e o surgimento de novas classes sociais transformam a sociedade num palco de representações e Machado de Assis transfere esses fatores sociais para uma moldura preexistente.

Conforme Faoro (2001, p. 204): “(...) O dado literário, na ordenação da sociedade, deveria ser corrigido e ajustado, confrontando as outras fontes, para constituir a prova da verdade”.

MA seleciona os fatos entre fontes de inúmeras realidades, os valores estabelecidos pela sociedade do século XIX são alvo da observação e crítica do homem que caminha lado a lado, a luz do ceticismo extremamente machadiano, que exteriorizava os valores interiores da alma humana como só ele conseguia fazer, seu mundo cultural se articula numa ordenação valorativa, na arte e na realidade, mas com intensidade diferente.

2.8 O CASO DA VARA: uma leitura

Este conto é narrado na terceira pessoa e tem como personagens principais Damião e Sinhá Rita. Damião, jovem seminarista que foge do seminário, porque não quer seguir a carreira eclesiástica. Sinhá Rita, uma viúva querida do padrinho de Damião, João Carneiro: “-Vou pegar-me a Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diga-lhe que quer que eu saia do seminário” (ASSIS, in: PROENÇA FILHO, 2004, p. 242).

A amizade de Sinhá Rita e João Carneiro não é muito esclarecida. Na verdade não se sabe ao certo que tipo de amizade os dois mantinham, talvez, por ser uma característica das obras machadianas, deixar subtendido nas entrelinhas certos tipos de comportamentos e atitudes. Damião não tinha amizade nenhuma com Sinhá Rita, mas resolve recorrer a ela, por causa da intimidade que a mesma mantinha com seu padrinho, que por medo de perder essa amizade resolve ajudar Damião a enfrentar o pai.

Como termina a história de Damião não se sabe ao certo, porque o enredo do jovem seminarista que luta pra se livrar do seminário é substituído por uma segunda situação. O segundo conflito é a história de Lucrecia, uma negrinha magricela que morava na casa de Sinhá Rita, e executava as tarefas diárias sob as ameaças da Sinhá (*idem*, 243):

- Lucrecia olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência, se a noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo de costume.

Ao que parece não tinha tempo para as brincadeiras, já que gastava o tempo com os afazeres domésticos. É ameaçada logo no início do conto, caso não terminasse as tarefas até o fim do dia.

Neste segundo conflito, MA, revela algo do interior das personagens, os valores éticos e morais. Damião, ao olhar para a negrinha magricela, jurara apadrinhar se ela não terminasse as tarefas até o fim do dia, para que Sinhá Rita não a castigasse, mas, como o intuito do autor é mostrar que as pessoas são movidas por interesses pessoais (AGUIAR, 2003), Damião hesita, ao perceber que se contrariasse Sinhá Rita, esta não o ajudaria a convencer o padrinho: Como diz o narrador: “ele precisava tanto sair do seminário!” (PROENÇA FILHO, 2004, p.247).

2.9 Perspectiva e tom do conto

As obras machadianas, principalmente as consideradas maduras, são de análise sociológica ou psicológica. A princípio, o que se sabe por critério social numa obra literária é a interação escritor-sociedade: (...) “escritor é um ser socializado, que sente e vive os problemas políticos, sociais, religiosos e éticos de seu grupo”. E usa de forma peculiar, a língua, fator primordial na comunicação para obter a função poética (D’ONOFRIO, 2000, p. 85).

Segundo Cândido *apud* D’Onofrio (2004, p.86):

O fator social não é apenas matéria de que se serviria o artista, mas também e especialmente como um agente de estrutura e, então, como determinante do valor estético”. Visto desta maneira, o fator social deixa de ser apenas um

referente extratextual para torna-se um elemento interno à obra de arte literária.

A crítica sociológica procura inserir a obra literária num contexto cultural e social, e estabelece uma estreita ligação entre o estilo das obras de um autor e as estruturas sociais da época.

É o que acontece com MA, sua obra de carácter social parece ser inspirada numa visão extremamente pessoal, já que o autor coloca nas entrelinhas manifestações dos acontecimentos de sua época. Um exemplo disso é o conto “O Caso da Vara”, momento marcante do período escravocrata. Neste conto MA, ironiza e critica a forma como os negros eram tratados: “-Lucrécia olha a vara”, observa-se nesse fragmento que a negrinha Lucrécia, vivia para o trabalho, e era ameaçada toda hora, caso não terminasse as tarefas até o fim do dia” (ASSIS, in: PROENÇA FILHO, 2004, p.243).

MA é extremamente cético quanto aos questionamentos das regras que regem o comportamento social, talvez pelo fato de ter nascido de família humilde e morar na casa da madrinha, de nível social totalmente diferente do seu, um jovem de origem proletária obrigado a adaptar-se às condições peculiares de uma sociedade. Talvez isso explique a visão irônica que Machado de Assis tinha quanto o comportamento do homem daquela época.

Para alguns teóricos, MA é cético até demais em determinados assuntos, principalmente se tratando do comportamento humano. MA retrata os acontecimentos da sua época com muita ironia, segundo D’Onofrio (2004) é um traço marcante da obra machadiana, que torna possível notar o sarcasmo se transformar num clima de humor irônico e corrosivo.

MA encara com sutileza e maestria, desvendar as máscaras que o homem usa na sociedade, utilizando-se de certos fingimentos, para se beneficiar em certas ocasiões. O autor de “O Caso da vara” revela o interior do ser humano, e destaca valores éticos e morais, já que para ele as pessoas são movidas por interesses pessoais:

Era hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrecia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver: Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha! [...] - A malandra!

[...] Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim tinha jurado apadrinhar a pequena, que por sua causa dele atrasara o trabalho (ASSIS, in: PROENÇA, 2004, p.246, 247).

No conto citado, observa-se a imagem da sociedade escravocrata do século XIX, que segundo Chalhoub (2003, p.55), consistia no pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial, o qual:

[...] estava presente nas políticas de domínio tanto de escravos quanto de agregados e dependentes em geral e, como a escravidão era a situação de máxima dependência, é isso que esclarece o sentido da afirmação de que a situação dos dependentes se confirma a partir da condição dos escravos.

No trecho do conto “O Caso da vara”, observa-se que a ordem de Sinhá Rita é inviolável, se Lucrécia não obedecer ou terminar as tarefas até o fim da tarde recebe o castigo merecido.

É oportuno citar Assis (in: PROENÇA FILHO, 2004, 243):

[...] Uma destas, estúrdia, obrigado a trajecitos, fez rir uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

-Lucrécia, olha a vara!

Marcado pelo autoritarismo, MA ironiza e, ao mesmo tempo, crítica a escravidão, pois o autor analisa as cruéis relações entre seres iguais, todos subjugados por um sistema político e social, mas que não hesitam em reproduzir e legitimar a opressão de que são vítimas.

Ao estudar o carácter realista das obras machadianas, Gledson (2003, p.23) afirma que: “o realismo de MA é enganoso, pois está oculto ao leitor, este precisa ler nas entrelinhas”. Entretanto, este mesmo teórico (*idem*, p.19), ao abordar as questões mais relevantes da obra machadiana – mesmo considerando o carácter enganoso procura destacar que:

Outro aspecto seminal que desponta da leitura dos textos pelas lentes do realismo enganoso, é a maneira como o escritor carioca compreende e assinala os liames estreitos que sujeitam o Brasil ao condicionamento de forças dominantes exteriores.

A mistura de ironia e sarcasmo nas obras machadianas transformam a narrativa num enredo cômico. uma pitada de humor irônico demonstra as frustrações das personagens e os papéis que as mesmas representam na sociedade, ou seja, nos contos de MA as personagens representam papéis sociais que o homem vive o desempenha na sociedade.

Segundo Bosi (1982), é marcante a presença de teoria, nas obras *machadianas*. Pode-se perceber essa afirmação no fragmento abaixo (ASSIS, in: PROENÇA FILHO, 2004, p.247):

- Dê-me a vara, srº. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse de mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

- Me acuda srº. Moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário!

Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou a Sinhá Rita. (p.247)

Observa-se nesse fragmento do conto a teoria de que as pessoas agem em troca de alguma coisa em benefício próprio.

A dialética entre força e desejo será romanticamente invertida por Damião ao se compadecer

da escrava Lucrécia, ameaçada pela vara. Damião acredita que a comoção (pena, compaixão, solidariedade) ou o senso de justiça são argumentos suficientes para exercer o favor. Sabe-se o quanto ele está enganado. Tanto que, na hora fatal, momento em que precisa escolher o lado, Damião acaba colaborando para o castigo de Lucrécia: “Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário” (*idem*, p.247).

Damião se preocupa apenas consigo mesmo, quer a todo custo sair do seminário, nem que para isso alguém que não seja ele, pague um preço.

2.10 Lucrécia e Damião: Um olhar sobre os personagens

O autoritarismo patriarcal é revelado pela determinação do pai de Damião para que o filho siga carreira religiosa, já que, naquela época, era uma questão de status ter um padre como integrante da família. Assim, mesmo sem vocação, ele é obrigado a ingressar no seminário e tem poucas esperanças de que seu pai reconsidere sua decisão. Porém, ele sabia que seu padrinho mantinha relações não muito claras com Sinhá Rita e resolve aproveitar-se da influência que ela tem sobre ele para garantir sua saída do seminário.

No conto “O Caso da Vara”, Ma se utiliza de uma aquarela doméstica sem importância para ilustrar a questão do favor e do apadrinhamento. Para conseguir seu objetivo (deixar o seminário que ele tanto detesta) Damião faz uso dos recursos de que dispõe. Não conseguindo mobilizar o “padrinho” João Carneiro, ele recorre a um padrinho real, Sinhá Rita cujo poder sobre o falso padrinho de Damião é conhecido. Nota-se que Sinhá Rita somente decidiu apadrinhá-lo porque se sentiu “lisonjeada com as súplicas” de Damião. Percebe-se a inversão dos valores tradicionais: Sinhá Rita tem poder e, apenas por isso, pode ou não querer usar tal poder. Esse poder era determinado pelo fator da viuvez, arcando assim com todas as responsabilidades da família, com aparência jovem, apesar da idade, e por ser uma mulher de posses, uma comerciante bem sucedida e bem quista.

Damião era livre, mas sentia-se escravo, porque é obrigado pelo pai a fazer uma coisa que não lhe agrada: ser padre. Isso não estava nos seus planos, por isso ele tenta, de alguma forma, livrar-se desse castigo, e prefere morrer a voltar para o seminário: “-Pode muito, Sinhá Rita; peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, por alma de seu marido, salva-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela casa” (ASSIS, in: PROENÇA FILHO, 2004, p.242).

A liberdade de Damião estava nas mãos de Sinhá Rita, que lisonjeada com as súplicas do rapaz resolve ajudá-lo. Para conseguir convencer a viúva Damião implorou por tudo e ameaçou se matar caso ela se negasse ajudá-lo. “(...) João Carneiro, assombrado, não achou que replicar durante os primeiros minutos; afinal, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar ‘pessoas estranhas’, e em segunda afirmou que o castigaria” (*idem*, p.244). O castigo era um método muito usado para punir os escravos desobedientes, e João Carneiro de alguma forma pretendia punir Damião pelo que ele havia aprontado.

Quanto à Lucrécia, essa era negra e escrava, sua condição era de submissão e obediência, morava com Sinhá Rita e trabalhava o dia todo. Com apenas onze anos, vivia para trabalhar sem direito de brincar, a brincadeira é um ato de liberdade, e Lucrécia por ser

escrava não tinha esse direito. A negrinha era punida até quando era flagrada se distraíndo com alguma coisa que a fizesse rir, caso chegasse o fim do dia e as tarefas não estivessem acabadas, Lucrécia receberia o castigo merecido: “uma destas, estúrdias fez rir uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço” (*idem*, 243). Observa-se nesse fragmento que a liberdade de Lucrécia é expressa através do sorriso, ela deixa de lado o trabalho que a mantinha escrava todos os dias para se ocupar de algo que lhe deixasse sentir-se livre, o sorriso é uma condição de liberdade, usada quando o ser humano sente-se alegre.

Damião e Lucrécia têm seus destinos determinados pelos desejos daqueles a quem devem obediência. Damião deve seguir a carreira de padre por imposição de seu pai. Lucrécia deve obediência absoluta a Sinhá Rita. Os dois, caso desobedeçam ao que é preestabelecido por seus senhores, podem sofrer as conseqüências de suas atitudes inadequadas, podendo ser castigados por isso.

Embora comovido pela punição de Lucrécia, Damião coloca seu interesse (sair do seminário) acima de sua primeira intenção de interceder pela mesma. Como Sinhá Rita é sua única esperança, ele não se arrisca a desagradá-lo, porque isso poderia resultar em seu retorno para o seminário.

3 Considerações Finais

Considerando que Machado de Assis conseguiu, com maestria, mostrar um painel das relações humanas que caracterizavam a época da escravidão no Brasil, analisar uma obra do referido escritor representa uma contribuição para o crescimento dos estudos que versam sobre a condição social do negro no século XIX, além de contribuir também com os estudos sobre a obra machadiana.

No conto “O caso da Vara”, as discrições da personagem Lucrécia revelam a condição de trabalho e os maus tratos que o negro era submetido, em período anterior a 1850. O conto, portanto, serve como ponto de partida para discutir as relações do negro com pessoas de outras condições.

O Caso da Vara foi publicado pela primeira vez em 1891, na Gazeta de Notícias, ou seja, no período considerado pela crítica como fase realista de Machado de Assis; posteriormente, em 1899, foi publicado na coletânea páginas recolhidas, portanto, trata-se de um conto em que o escritor explora de forma sistematizada a experiência histórica brasileira, revelando o sistema das relações sociais da época.

Justifica-se, portanto, a escolha do tema, reportando-se ao ano de 1850, pois, este consiste numa referência temporal importante para marcar o contexto das mudanças de classes sociais daquela época, o declínio de umas e ascensão de outras.

No referido ano, precisamente em 04 de setembro, foi instaurada a lei que proibia o tráfico de escravos que contribuiu notadamente para uma crise no regime escravista, que instaurou nas décadas posteriores, afetando as camadas sociais dominantes da época.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Murmúrio no espelho. In ASSIS, Machado. **Contos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1976.

ASSIS, Machado. **Os melhores contos**. Seleção de PROENÇA FILHO, Domingo. 15. ed. São Paulo: Global, 2004.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno**. São Paulo: Duas cidades, 2003.

_____. A máscara e a fenda. In: ASSIS, Machado. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAYNER, Sônia (Org.). **O conto de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.

D'ONOFRIO, Salvatoreo. **Metodologia do trabalho intelectual**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. Estrutura do texto literário. In: **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2001.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e história**. São Paulo: Duas cidades, 2000.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

INFANTE, Ulisses. **Curso de literatura de língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

JOLLES, André. **As formas simples**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

PINHEIRO, Hélder (Org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

QUEIROZ, José Maria Eça de. **A relíquia**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 4. ed. São paulo: Duas cidades, 2000.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Um caso para o leitor pensar**. In: Revista de Letras. v. 29. São Paulo: 1989.